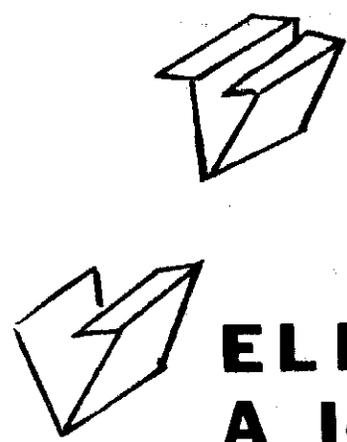
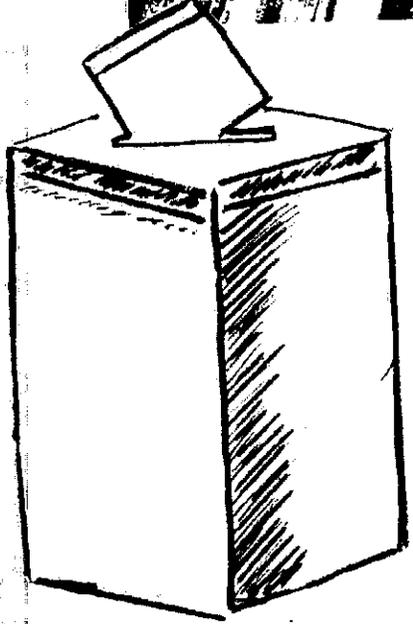


O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GREMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



ELEIÇÕES:
A Igreja ensina a votar

ANO 6

SETEMBRO 85

NUMERO 69

Escrevem os leitores

"...Peço a todos vocês vossas orações a Deus e a Nossa Senhora pelo meu filho..."

ALTAIR PACHECO LOPES
ITALVA RJ

"Escrevo-lhes para parabenizá-los do grande bem que esse jornal leva aos que lêem.

Que Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento os guarde sempre no seu Coração Imaculado.

Que Jesus Eucarístico seja o sentido da existência desse jornal, como o foi para São Pedro Julião Eymard.

Escrevo-lhes também os endereços de outras pessoas que desejam receber "O Desbravador"..."

MARCOS AURELIO DIAS
PONTA GROSSA PR

Cada vez mais percebo a necessidade de ter em mãos "O Desbravador" pois em nossos dias toda uma tradição de vida e santidade de dois mil anos da Igreja, está sendo combatida pela heresia, eis que através deste jornal podemos ver novamente as Verdades e belezas da nossa verdadeira Religião. Segue pequena contribuição..."

EDISON ALVES DE SOUZA
SANTO ANDRÉ SP

"...Confesso que gostei demais do jornalzinho que vocês me enviaram... Este jornalzinho é realmente muito importante não só para jovens, mas também para os adultos em geral..."

O padre (da sua paróquia) gostou demais deste jornal, porque ele estava respondendo a uma carta de um protestante luterano, quando eu mostrei o jornal para ele. Ele se utilizou da resposta dada ao sr. Valdeci, e ele me pediu que quando eu escrevesse para vocês, era para eu pedir a vocês que remetessem o jornalzinho a ele também...Esse jornalzinho veio completar a minha alegria na literatura, pois "adoro" a boa leitura."

MAGALY MARQUES
ORIENTE SP

"Não desejo outra coisa, Senhor, senão amar-Vos."



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

INSELMO LÁZARO BRANCO
ALMIK DE CASTRO

SUPERVISÃO:

ELMA APARECIDA LÁZARO BRANCO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÃ ANGÉLICO"

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDEZ BEZERRA
MÁRIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA:

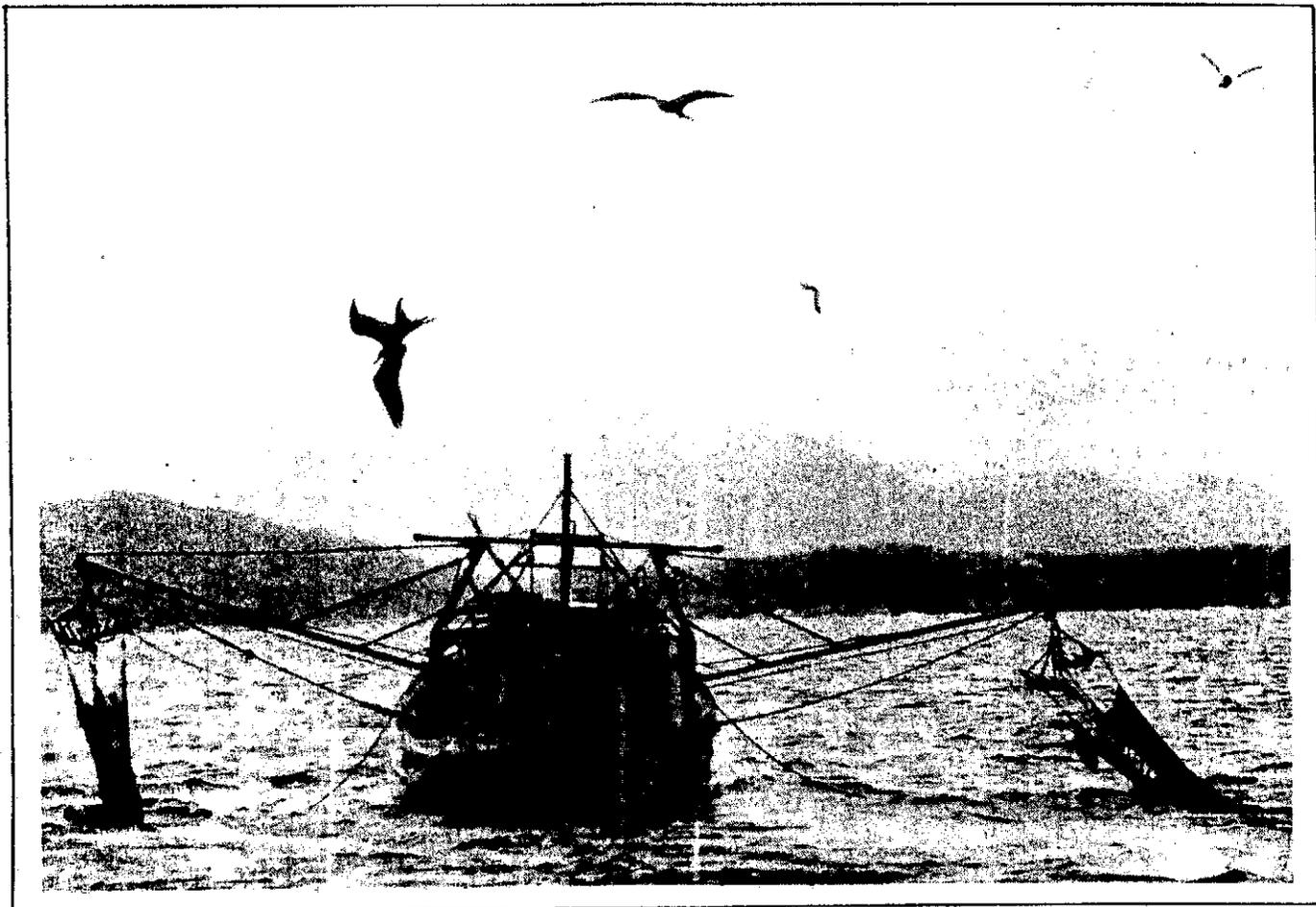
MAURO TAKESHI ENDO
MIHAILO MILAN SLATKOVIC
LAURINDO GONÇALVES

EXPEDIÇÃO:

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
RENATO KAORU ISHIMINE
ROMILSON CHAVES SILVA
VICENTE WALTER SOUZA MACHADO
WALADYER NERI SOUZA MACHADO
MIGUEL ZUPPO

CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 SÃO PAULO SP



EDITORIAL

Na medida em que se aproxima a data das próximas eleições, saltam aos nossos olhos uma porção de fatos.

Fica evidente que a grande maioria dos candidatos possui princípios péssimos, idéias materialistas.

Impressiona também o baixíssimo nível da campanha eleitoral, quase toda feita com ataques pessoais, inverdades, e planos imediatistas.

Por outro lado, praticamente não se vêem políticos que defendam os são princípios católicos, sua moral sublime, uma civilização calcada na doutrina Cristã.

Como consequência disso, o bem comum fica também esquecido.

Tudo isso é reflexo do lastimável estado em que se encontram os povos. Na medida em que quase todos vivem longe de Deus, acaba-se tendo governantes que estão longe do bem. Estes governantes por sua vez irão contribuir para piorar o povo: "Um fraco rei faz fraca a forte gente", dizia Camões.

Diante de tanta imoralidade, desmandos e pornografia que vemos, sentimos a falta de verdadeiros governantes católicos que a isso combatam. Que maravilha se tivéssemos um São Luiz IX entre nós, um Carlos Magno ou um Garcia Moreno. Seria uma incomensurável bênção de Nossa Senhora e se nós pedirmos e merecermos, Ela nos dará dirigentes assim.

"Cai e perde-se quem não recorre a Maria" (Santo Afonso)

Temor, Floção dos Corajosos

O temor é para os fracos? Ou também para os desassombrados, que admiram a audácia e vivem no épico? O autêntico temor é para os segundos. Sem ele, seriam meros doidivas, à procura de temeridades idiotas.

A Escritura assim o elogia: "O temor do Senhor é como um paraíso bendito, e acha-se revestido de uma glória superior a toda a glória" (Ecl. 40,28). Neste paraíso bendito se comprazem os virtuosos, os indomáveis paladinos das causas justas. É mais um aspecto dos extremos harmônicos dos quais está cheia a vida virtuosa. Teme e ao mesmo tempo ama perdidamente a Deus a Quem considera Pai amantíssimo. O próprio Nosso Senhor em duas lindas evocações que escolheu para Si, nos dá o exemplo: Leão de Judá e Cordeiro de Deus. Majestoso, dominador e terrível como um leão rugindo pelo deserto; manso acessível, exorável até ao infinito como um tenro cordeiro que até no matadouro solta bálidos. Ruge aterrorizador ou bale pequeno, segundo indique o amor de Deus e Seu zelo inextinguível pelas almas. Ele mesmo ensinou que um católico autêntico é simples como as pombas e astuto como as serpentes.

As virtudes opostas não se contradizem, completam-se. Por isto é fácil ao católico compreender uma justificável admiração mútua entre São Luís, Rei de França, e São Francisco, o pobrezinho de Assis. Caso se encontrassem, um certamente veria enlevado o belo da pobreza austera e santa; o outro se admiraria do esplendor da majestade real, santificada naquele varão de sonho, São Luís IX.



D. AFONSO HENRIQUES

D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, criou um reino à custa dos leoneses, e alargou-o à dos mouros, a quem tomou Santarém e Lisboa, combatendo durante uma vida de quase oitenta anos para fundar a nacionalidade portuguesa.

QUE TEM A IGREJA A DIZER SOBRE O SEU VOTO?

Estamos em plena época eleitoral. Isso nos faz refletir acerca do dever eleitoral dos católicos.

Na verdade, muitas pessoas encaram o dever eleitoral apenas em seu aspecto legal, apenas em função de não serem multados ou de terem seu título de eleitor em dia.

Entretanto devemos dizer que o católico tem obrigações morais perante as eleições.

Não faremos aqui um tratado sobre o assunto, apenas relembremos alguns princípios sobre isso.

O primeiro ponto que queremos tocar é que segundo a Moral devemos votar. Não nos é lícito abstermo-nos da obrigação de comparecer ao local da votação para votar.

Em segundo lugar devemos dizer que na escolha dos candidatos não se deve levar em conta simpatias ou antipatias pessoais, vantagens próprias, linguajar ou idade dos candidatos. Mas sim devemos olhar aquilo que é melhor para a Igreja Católica e para o bem comum.

De outro lado, devemos dizer que é preciso escolher o melhor candidato e evitar-se candidatos que sejam inimigos de nossa fé. Assim não é lícito votar em candidatos ateus, abortistas, divorcistas; também vai contra a moral votar em candidatos comunistas ou pró-comunista, bem como não é correto votar-se em socialistas, pois essas ideologias são más em si mesmas, e condenadas pela Igreja Católica.



"DE CONTÍNUA PAZ GOZA O HUMILDE; NO CORAÇÃO DO SOBERBO, PORÉM, REINAM O CIÚME E A IRRITAÇÃO".

IMITAÇÃO DE CRISTO

De outra parte, há casos em que torna-se muito difícil escolher quem é o melhor candidato, pois os candidatos que tem possibilidade de vitória não são bons. Nesse caso impõe-se votar no menos mal entre os que tem possibilidade de vitória. Como diz Santo Tomas, o mal menor é algum bem.

Sómente se justificaria o voto em branco ou nulo se todos os candidatos fossem igualmente detestáveis, ou quando houvesse um único e mau candidato.

Gostaríamos de arrematar o presente artigo dizendo que não somos ligados a nenhum partido político ou candidato e que a nossa política é como dizia o grande Dom Bosco, "a política do Pai-Nosso".

Nosso intuito em escrever as presentes linhas foi somente transmitir a nossos leitores o pensamento católico sobre o assunto eleições, para que aqueles que não conheciam passem a conhecê-lo e dele façam uso.

Finalizamos com uma prece à Rainha e Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, para que Ela nos dê as luzes necessárias para bem votar, e nos conceda santos governantes.

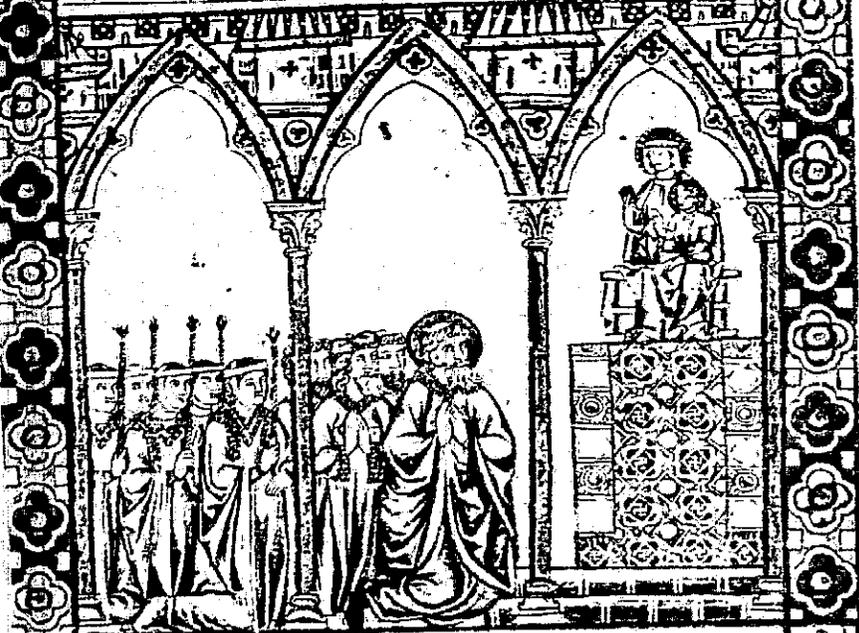
O seguinte fato se passou no século passado, na Bélgica, onde, pela abstenção comodista de alguns católicos, foi eleito um deputado anticlerical que conseguiu apenas dois votos de maioria sobre o seu concorrente católico. Pois bem, foi por um voto de maioria no Parlamento, o voto desse deputado, inimigo da Igreja, que passou certa lei escolar que feria a consciência católica.

O presente artigo é baseado no estudo do Dr. Armando Dias de Azevedo, publicado na Revista Vozes de Petrópolis e no qual o autor cita o Papa Leão XIII, o Cardeal Sevin, a declaração dos Cardeais e Arcebispos de França por ocasião de uma eleição geral em 1928, moralistas como Salsmans e Prummer e o Padre Leonel Franca.



6 "É UM GRANDE ERRO DIZER COMO ALGUNS DIZEM: DEUS NÃO QUER QUE TODOS SEJAM SANTOS. ESTA É A VONTADE DE DEUS, A VOSSA SANTIFICAÇÃO"

C. San Germano e pbro rogato. S. A. que os grande do solta

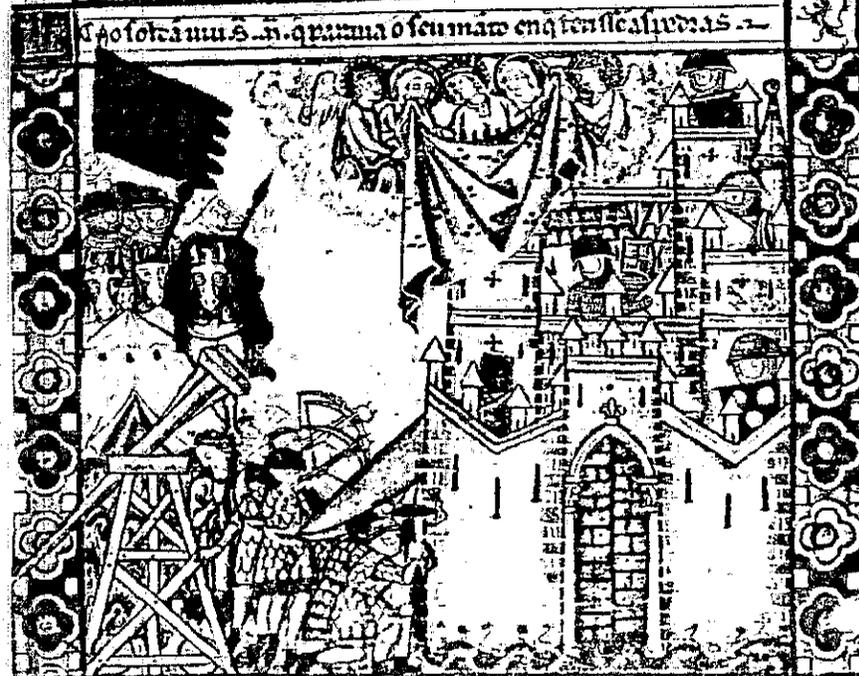


São Luis, cruzado e estadista

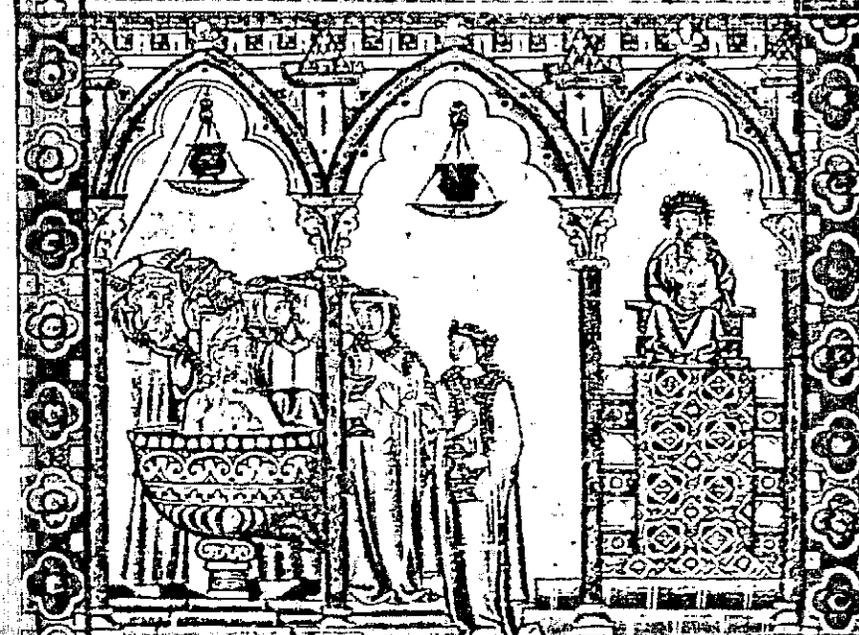
A importante figura de São Luis IX, cuja festa se celebra a 25 de agosto, projetou-o na História não só enquanto Rei católico, mas também enquanto santo e como alguém que elevava a condição humana e as atividades de que esta é capaz, acima do que se poderia esperar da fragilidade de nossa natureza. Tornou-se ele modelo de católico, de governante, de pai de família, de verdadeiro cavaleiro e de cruzado admirável. Foi São Luis quem moveu as duas últimas cruzadas da História, tendo falecido de peste durante a segunda delas, no ano de 1270.

A Providência favoreceu-o com um porte proporcionado à sua grandeza de alma. De elevada estatura - seus cavaleiros apenas lhe chegavam aos ombros - "notava-se-lhe em toda a sua pessoa algo de tão suave e ao mesmo tempo de tão majestoso que, ao vê-lo, sentia-se penetrado tanto do amor mais terno, quanto do respeito mais profundo." Assim o descreve Joinville, seu célebre cronista e inseparável companheiro (Joinville, "Histoire de Saint Louis", apud Abbé Profillet, "Les Saints Militaires", Retaux-Bray, Librairie Editeur, Paris 1890, tomo IV, p. 704).

Depois de uma doença que o levou às portas da morte e da qual foi curado milagrosamente, Luis IX decidiu retribuir essa graça, partindo em socorro dos cristãos da Palestina que periclitavam ante o crescente poderio muçumano. Deixou, pois, seu Reino, levando consi-



Como o Soldão flevenou e chao por aquel miragre q' nua



"Senhor, fazei com que a mentira nunca passe pela minha garganta"
(Oração a São Luis, composta pelo Condestável Du Gesclin)

go a flor da nobreza francesa, empenhando sua fortuna nesse oneroso empreendimento para, enfim, quase sufocado pelo tórrido calor egípcio, ser lançado numa prisão, com punhos e pés acorrentados, devorado pela doença, à mercê de mouros fanáticos, em cujas mãos estava sua sorte.

A imprudência de seu irmão, a traição de um cavaleiro, a peste que acometeu os guerreiros cristãos, depois do auspicioso início da cruzada, pesavam sobre os franceses que viam morrer, dia após dia, seus melhores elementos. A aflição, quase o desespero, os abatia. Apenas São Luís permanecia inteiramente conformado com os desígnios da Providência, diante das adversidades.

Obrigado a entabular negociações com os infiéis sobre seu próprio resgate, portou-se com tanta galhardia e nobreza que se fez admirar até pelos vencedores. Estupefatos por seu exterior majestoso, por sua dignidade, os emissários turcos, ao deixá-lo, exclamaram: "Quem é este homem?! Ele nos trata como se fôssemos seus próprios prisioneiros!"

Esta admiração quase levou os mulçumanos a oferecer-lhe o cargo de Sultão do Cairo, que havia sido assassinado por ocasião da prisão de São Luís. Segundo relata Joinville, os mouros do Egito afirmavam que, se Maomé os tivesse deixado sofrer tantos males quantos Deus havia permitido padecer o Rei da França, jamais eles o teriam seguido ou nele acreditado. Entretanto, acrescentavam que, se eles o fizessem sem seu sultão, São Luís os mataria a todos ou os faria cristãos.

Admirado até pelos mulçumanos por sua justiça e equidade, o monarca francês foi ainda modelo de chefe de Estado católico. "São Luís queria que a França se assemelhasse ao Reino dos Céus", observa Maurice Druon. Acrescenta o historiador francês: "Assinalava para cada profissão, o código instituído sob o seu reinado, os direitos e deveres dos artesãos e comerciantes, regulava as relações de mestres e empregados, de patrões e operários, fixava o tempo de férias, os salários, definia as características e



Como o Soltão mandou armar engenho para bater a muralha

o preço dos produtos, e reprimia as fraudes."

Essa verdadeira legislação do trabalho e comércio supunha uma sociedade estruturada segundo uma hierarquia social harmônica. Por isso, São Luís podia, como conta seu contemporâneo e biógrafo Joinville, "ir depois da Missa, sentar-se ao pé de um carvalho no bosque de Vincennes", onde o Rei atendia qualquer pessoa do povo que lhe quisesse apresentar algum litígio com outrem ou uma questão a resolver.

Sem contrariar o esplendor de seu cargo, o monarca costumava servir pessoalmente os pobres em certos dias. Outras vezes, cuidava dos leprosos. Entretanto, sua autoridade era tal que foi chamado a servir de árbitro em todas as grandes questões da época, entre o Papa e o Imperador do Sacro Império, as duas maiores autoridades da terra naquela época.

"Prefiro que meu filho morra antes que cometa um pecado mortal"
(Branca de Castela, a respeito de seu filho São Luís)



CRIMINALIDADE

Diante das manchetes e notícias de jornais que relatam crimes hediondos, várias pessoas tentam dar suas explicações para esse fato.

Cada uma das opiniões costuma ser mais aberrante do que as outras. Uns dizem que o problema da criminalidade está na falta de educação (no sentido escolar) e para tanto propõe a abertura de mais escolas para resolver o problema do crime: "mais escolas e menos cadeias", dizem eles, julgando que a simples abertura de escolas acabaria com os delitos.

Sem negar o valor de uma sã educação e da necessidade da abertura de escolas católicas, devemos dizer que a simples abertura de escolas não soluciona o problema. Haja vista que em 1950, pesquisas indicavam que 68% dos criminosos eram alfabetizados, e apenas 32% não o eram. Por outro lado, nunca se abriram tantas escolas no Brasil como nos últimos anos, e entretanto nunca cresceu tanto a criminalidade. A escola sem religião é uma sementeira do mal.

Vendo-se esta lacuna, tentaram-se remédios esdrúxulos como as aulas de Moral e Cívica, as sessões de orientação conscientizadora e a "educação" sexual, e outros sucedâneos que tais. Nada disso resolveu, pois escola sem religião é pura ilusão.

De outra parte o fenômeno da criminalidade é visto como fruto de problemas econômicos. Crises econômicas gerariam desemprego, fome e miséria

a; tudo isso como que fatalmente gerariam o crime. O crime seria então uma espécie de necessidade oriunda dos problemas econômicos.

Devemos dizer que esta explicação é falsa por vários lados. Primeiramente ainda que fossem verdadeiros os dados relativos à fome e ao desemprego (o que contestamos), não podemos nos esquecer que o homem possui liberdade e possui principalmente o auxílio da graça para ser bom. Ainda que viva na maior miséria uma pessoa pode e deve ser boa. Conhecemos pessoas que dizem: "eu passaria fome, pediria esmolas, mas nunca roubaria". Então sabemos de moças corretas que prefeririam serviços braçais a se corromperem no pecado.

Além disso, não há criminosos ricos? Não há ladrões na alta sociedade? Não existem os chamados crimes do colarinho branco e as grandes negociações? Como explicar que ladrões pobres uma vez enriquecidos continuam roubando?

Ademais, se os motivos econômicos fossem os determinantes da criminalidade como se explicam os homicídios perversos, os estrupos nojentos, como se explicam os crimes de dano, nos quais o malfetor danifica o patrimônio alheio sem vantagens para si?

Não, os fatores econômicos não geram criminosos, a falta de religião sim. A ausência de catolicismo gera o crime em alta escala, pois tanto o

"Só há duas formas de educar: a Comunhão e a vara. Eu prefiro inegavelmente a Comunhão" (S. João Bosco)

pobre quanto e rico com Deus na alma não serão delinquentes. E os criminosos podem ser tanto ricos como pobres que se afastam de Deus.

Uma terceira corrente vê no crime uma doença. Doença esta de ordem psíquica que deve ser curada através de psicólogos, assistentes sociais, antropólogos, pedagogos etc.

O criminoso seria produto de fatores psicológicos que o cercam e uma vez detido deveria ser submetido a tratamentos que o readaptassem à sociedade. Este tratamento seria feito por profissionais como os acima mencionados.

Baseado nestas doutrinas criam-se mecanismos que não resolvem nada e apenas devolvem ao convívio social o delinquente sob o pretexto de que ele está readaptado à sociedade. Prisões domiciliares, prisões albergue são alguns dos institutos que jogam na sociedade toneladas de criminosos.

Não adianta, se o criminoso não se converter a Deus, não confessar os seus pecados ao sacerdote, nada estará resolvido.

A propósito nos lembramos que certa feita havia na Itália um reformatório juvenil que não ia adiante, apesar das verbas que o governo gastava com ele. Numa reunião de ministros foi pro-

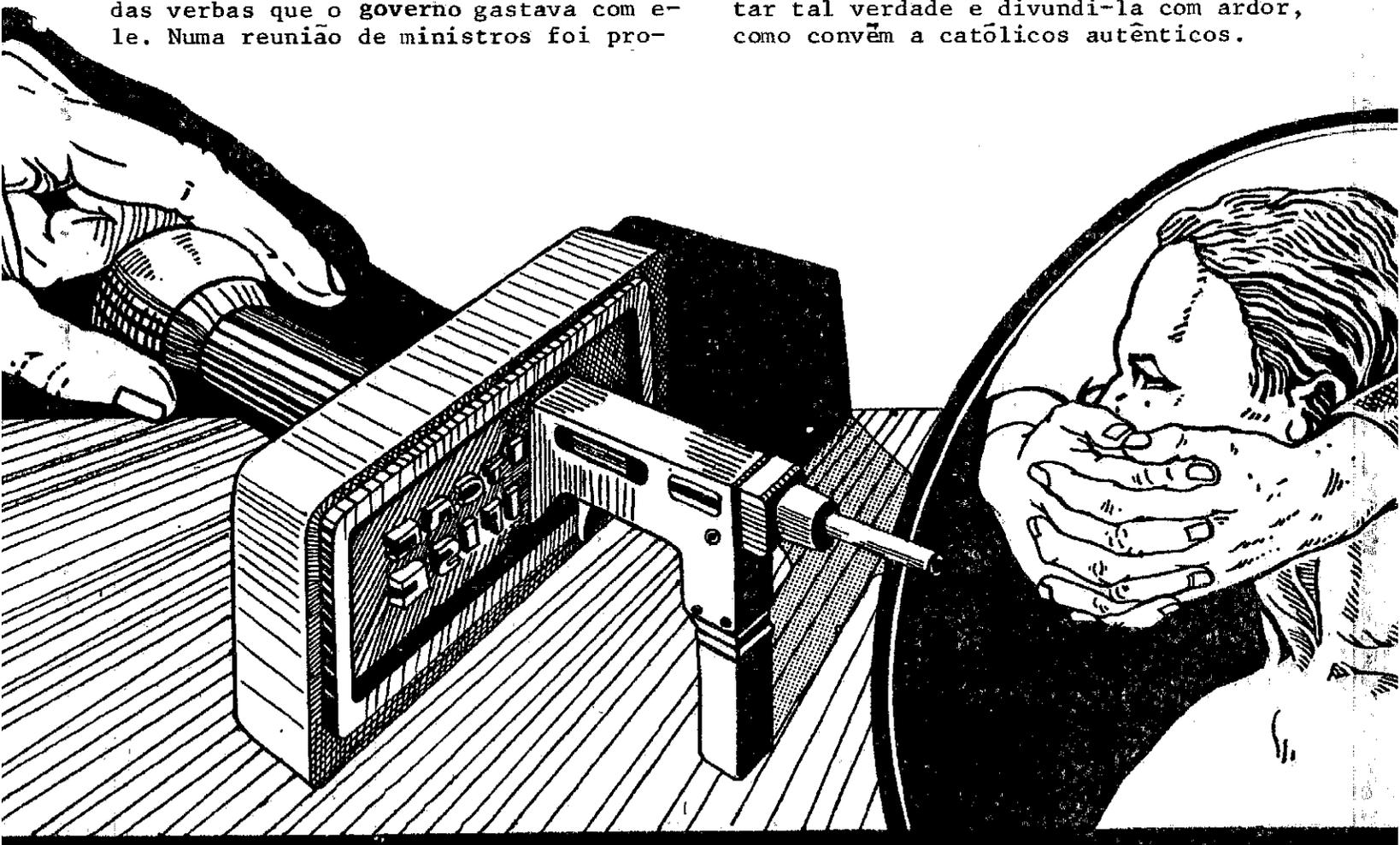
posto que se entregassem o reformatório ao grande educador católico, Dom Bosco e ele o faria prosperar. Uma dos ministros retrucou, que não o entregaria a Dom Bosco, pois senão ele transformava os 300 detentos em 300 padres, reconhecendo que o homem de Deus realmente melhoraria os pobres infelizes. Este testemunho mostra que o único remédio eficaz para o crime é a religião católica.



Se queremos acabar com a criminalidade, temos um meio excelente diante de nós: Levar Cristo aos homens e levar estes a Cristo.

O homem de hoje sofre de um grande mal, sofre da falta de Deus. Aí está a raiz do problema crime, aí está a raiz de tantos problemas, inclusive das crises econômicas. Sigamos o conselho de Nosso Senhor que manda buscar em primeiro lugar o Reino dos Céus e tudo mais será dada em acréscimo.

Peçamos a Nossa Senhora que nos dê a graça de compreender e aceitar tal verdade e divundi-la com ardor, como convém a católicos autênticos.





Como dar esmolas

Santo Apolinário era Patriarca de Constantinopla. Vendo na cidade um homem pobre cujo pai havia perdido uma grande fortuna, quiz ajudá-lo, sem que este tivesse que passar a vergonha de receber a esmola. Com engenhosa caridade mandou que se fizesse um documento, com todas as aparências de muito antigo, onde constava que o falecido pai daquele homem havia emprestado à Igreja Patriarcal uma considerável quantia em dinheiro. Depois, por vários rodeios, fez com que o documento chegasse às mãos do pobre, instruindo ainda a pessoa que o deveria entregar que pedisse ao pobre uma recompensa pelo "feliz achado".

Mais que depressa o pobre levou o documento a Santo Apolinário, que se mostrou surpreso e assustado com o aparecimento daquela dívida. Declarou

que a pagaria, mas pediu um prazo, para ainda mais disfarçar o seu ato. Finalmente efetuou o pagamento, pedindo que os juros fossem baixos...

O Padre Manuel Barnardes comenta a respeito:

"Desse modo ficou o pobre rico, porém muito mais rico ficou Apolinário, pobre de espírito. (...). Quando Apolinário fez o documento falso para se obrigar com o pobre, ao mesmo tempo Cristo fez outro verdadeiro, para se obrigar com Apolinário. Oh! Novo modo de se constituir credor de Cristo, fingindo-se devedor do pobre! Duas esmolas, ambas ocultas, recebeu este: uma da fazenda, que cobriu a sua necessidade; outra da honra, que cobriu a sua fama; a terceira recebemos nós, que é a doutrina para sabermos dar esmolas..." (Nova Floresta)

"DESDE QUE ME FIZ CATÓLICO TENHO VIVIDO NUMA PAZ E NUM CONTENTAMENTO PERFEITO... NUNCA EXPERIMENTEI UMA SÓ DÚVIDA" (Cardeal Newman, convertido do protestantismo ao Catolicismo)



Garcia Moreno, presidente-mártir do Equador

Transcorreu o primeiro centenário do assassinato de Garcia Moreno, o mais nobre dos chefes de Estado deste Hemisfério em todos os tempos, cugnaminando-o "Campeão da Fé Católica" o Papa Leão XIII aplicou-lhe, "o justo título" — frisa o Pontífice — as palavras de que se serve a Igreja para celebrar a memória dos Santos Mártires Tomás de Cantuária e Estanislau da Polónia: "Pro Ecclesia gladiis impiorum occubuit, cecit pela Igreja sob o cutelo dos ímpios".

Estadista notabilíssimo três vezes eleito presidente do Equador, foi ao mesmo tempo jornalista de primeira plana, exímio polemista, juriconsulto, literato, general, engenheiro, profundo conhecedor das ciências físicas e químicas.

No dia 6 de agosto de 1875, morreu assassinado, na escadaria da Catedral de Quito, o grande herói americano, cujo zelo pela Igreja e pelos interesses do povo lembra Carlos Magno e São Luis, Rei de França. Ao expirar, suas últimas palavras, dirigidas aos assassinos que o golpeavam, poderiam estar nos lábios dos maiores mártires da gloriosa época das perseguições romanas: "Deus não morre!".

Sua morte foi a realização de um intento que, desde muitos anos, era acalentado pelo ateísmo organizado e pela impiedade, os quais nada pouparam para atingir esse seu infame objetivo.

O Congresso do Equador, fazendo eco à imensa gratidão popular, proclamou-o "Regenerador da Pátria e Mártir da Civilização Católica".

Alguns traços biográficos

Gabriel Garcia Moreno nasceu o 24 de dezembro de 1821 na cidade de Guayaquil, principal porto da República do Equador. Foi o chefe e último filho de Dom Gabriel Garcia Gomes e Dona Mercedes Moreno, ambos de ilustre sangi espanhol, de vida ilibada e católicas fervorosas.

No ambiente familiar houve desde cedo uma fé viva, o senso da honra, bem como a nobre paixão do cumprimento do dever, que caracterizaram sua vida inteira.

Traço curioso da primeira infância daquele que haveria de espantar o mundo por sua audácia, era uma complexão muito delicada e caráter em extremo pusilânime.

Mas essa fraqueza foi superada graças a expedientes adotados pelo pai, bem próprios daqueles tempos, em que se incutia uma educação varonil.

O temor dos ruidos insólitos e sobretudo dos formidáveis trovões da Cordilheira dos Andes, foi vencido à força de ser trancado numa varanda onde era obrigado a presenciar relâmpagos e trovoadas medonhas.

Certa vez, tendo morrido um homem num quarto isolado Don Garcia Gomes ordenou a Gabriel que fosse sozinho acender uma vela junto ao cadáver. Tremeu-se-lhe todo o corpo, mas a obediência venceu nele o medo, e executou a ordem paterna.

Foi assim que Garcia Moreno acostumou-se a desprezar os perigos e vãos fantasmas, cedendo imperiosamente à voz do dever. Esta foi a grande regra de sua vida.

Dotado de inteligência invulgar, sua penetração de espirito, memória prodigiosa e aplicação extraordinária, assimilou rapidamente os ensinamentos que podia receber em sua terra natal, sendo enviado a Quito com a idade de 15 anos, onde, depois de completar humanidades no Colégio São Fernando, matriculou-se na Universidade.

Conquistou imediatamente o primeiro lugar e de tal forma obteve a confiança de seus mestres que foi constituído censor de mais de 300 rapazes. Neste encargo revelou todas as qualidades que, desenvolvidas, habilitaram-no mais tarde para dirigir o Estado.

resistir às revoluções e impor o devido respeito aos maiores inimigos.

A paixão pelo estudo era notável. A noite, quando a cidade inteira dormia, Garcia Moreno vigiava à luz de modesta lâmpada, curvado sobre algum volume de filosofia, matemática ou direito.

Aos 19 anos decidiu-se pela carreira da advocacia.

Durante um certo período, conseguiram afastá-lo um tanto dos livros, atraindo-o para os numerosos salões em que se conversava e se dançava. Ei-lo entrêgue aos prazeres...

Mas logo caiu em si e concluiu com sua habitual firmeza: "Muito curta é a vida para perder-se um só dia em tais futilidades".

Encerra-se então no seu quarto e, sem hesitar, raspa inteiramente o cabelo, e vendo-se assim impossibilitado de sair à rua, consagra-se com redobrado fervor aos estudos.

Formado advogado em 1844, casou-se no ano seguinte com Da. Rosa Ascarubi. Nunca teria havido união mais perfeita e felicidade mais completa, se as borrascas da vida pública não houvessem necessariamente perturbado a doce convivência desse lar tão harmonioso.

Garcia Moreno, já naquela época, presentia o papel que lhe estava reservado. A um amigo que o aconselhou a escrever a história do Equador, respondeu, sorrindo: "Até agora ela é muito triste, é melhor fazê-la".

Os 30 anos que ainda viveu Garcia Moreno confundem-se gloriosamente com a história do Equador. Num século laicizante, que destruiu altares e profanou a própria capital da Cristandade, o grande estadista católico soube manter sua nação unida a Santa Sé, ministrou ao seu povo leis justas e cristãs, proporcionando a sua pátria um notável progresso tanto no terreno material, quanto, sobretudo nos planos espiriual e cultural.

COLUNA CATÓLICA

ESTANISLAU DO CARMO

"AS PERSEGUIÇÕES DOS MAUS, NÃO SÃO MAIS DO QUE BORRASCAS E TEMPORAIS QUE PASSAM E MORREM COM ELAS" (São João Bosco)